



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Testemunho do privilégio de um sobrevivente: da fraqueza biopolítica (cis)têmica à ruptura ética do corpo trans Cin Falchi

Como citar: FALCHI, C. Testemunho do privilégio de um sobrevivente: da fraqueza biopolítica (cis)têmica à ruptura ética do corpo trans. *In*: BRABO, T. S. A. M. (org.). **Democracia, Direitos Humanos e Educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 79-100.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-028-3.p79-100>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

TESTEMUNHO DO PRIVILÉGIO DE UM
SOBREVIVENTE: DA FRAQUEZA BIOPOLÍTICA (CIS)
TÊMICA À RUPTURA ÉTICA DO CORPO TRANS.

Cin Falchi

Este será um *testemunho* dos *deslocamentos* de uma vida. Uma vida *trans*, que primeiro se admite para sua não sexualidade heterossexual e que, posteriormente, retoma os questionamentos quanto a seu gênero não-normativo, tomado como *acontecimentos* e como *ruptura ética*. Este *testemunho*, como bem coloca Agamben, começa com uma vontade imensa de tentar entender a si mesmo. Cada um faz a busca que lhe é mais propícia para o momento, a que cabe, a possível e para alguns/mas poucos/as, as escolhidas. Se entendemos mesmo tudo o que nos *acontece*? Quem sabe? Acontecimentos são *acontecimentos*. Se fossem preestabelecidos seriam apenas conclusão de um plano premeditado, não? E sobre esse entender, sobre esse conhecer, como podemos falar a respeito? A epistemologia é suficiente para nosso autogoverno? Aos 17 anos era uma vida cristã, como dizia. Porque era *uma evangélica* e sabia, sempre soube, que algo não estava

<https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-028-3.p79-100>

de acordo com tudo o que aquelas pessoas diziam que Deus queria e tinha para mim. Aos 31 anos admiti para mim e, posteriormente e aos poucos, para os/as *outros/as*, que minha vagina nunca me fez mulher, mas que nem por isso me fará homem. O problema era Deus, eu, as pessoas ou toda essa estrutura que compactua e mantém a possibilidade dessas violências se perpetuarem como O *modo de vida*? É possível ter *coragem* para romper?

Tomas compreendeu uma coisa estranha. Todo mundo lhe sorria, todo mundo queria que ele escrevesse a retratação, retratando-se faria todo mundo feliz. Uns ficariam contentes porque a proliferação da covardia banalizava suas próprias condutas, devolvendo-lhes a honra perdida. Outros estavam acostumados a ver em sua honra um privilégio particular, do qual não queriam abrir mão. Também nutriam um amor secreto pelos covardes. Sem eles, sua coragem seria um esforço banal e inútil – ninguém a admiraria. (KUNDER, 1984, p.155).

A vida começa, aquela parte da vida que você já tem algumas opiniões e gostos e desejos que acredita serem fixos e os mais importantes e cruciais para continuar vivendo. Espere. Vamos voltar um pouco e mostrar por onde vou transitar. Talvez assim você consiga criar algumas imagens e gostos desse *outro* que acaba de aparecer para você.

Vindo de uma classe média baixa paulistana (são tantas nomenclaturas, não?!), fui dessas crianças que frequentam o colégio bem estruturado para manter as tais crianças do lado de dentro ocupadas. Adorava esporte, participava de todos, ainda mais os em equipe. Motivo de preocupação, mas as notas eram de mediana para cima, então era possível continuar a realizar aquilo no que eu acredito ser bom: os esportes. Neste sentido, era avançado para a minha idade a ponto de ser chamado para participar da categoria de idade acima da minha. No *handball* era goleiro, no *futsal* lateral e no basquete armador. Titular em todas as equipes, conhecido e querido pelo colégio, respondão e ágil em sala de aula. Essa última característica me rendeu muitas conversas na direção, mas o diretor já me conhecia tão bem que quando chegava era repreendido com uma conversa amigável e carinhosa a ponto daquela autoridade ser lembrada ativamente na formação de meu caráter, ou melhor, de meu modo de conduzir as adversidades.

O colégio que frequentava nesta pré-adolescência era particular, passava o dia todo por lá. Mas tudo mudaria e, por mais que aquele cenário já me causasse algumas estranhezas, a mudança que me pareceu abrupta geraria escolhas que me transformariam na busca em me esconder do *trans* que lutou muito para conseguir “nascer”, posteriormente.

No misto de uma família negra com uma família branca, no misto dos dois estados que formam essa família, no misto da família rica com a família pobre, apareci e ganhei uma vida. O problema? Tenho vagina, a época em que nasci não é da ascensão do telefone celular ainda, teria um computador *desktop* apenas em minha adolescência e mal sabia que homossexuais existiam, que dirá *trans*. Esse povo só aparece nas novelas, mas *trans* é travesti, né?!

Nasci branco, com vagina: nasci mulher? Ao meu redor a família me imprimia as regras e modos de agir. Lembro de todos, rompia com a maioria e era castigado por isso. Castigos não são apenas violências físicas, mas isso nós já sabemos.

Fernando Collor de Mello assume a presidência do país em 1990 que sim, já vivia momentos turbulentos. Mas tudo piora. Lembro-me de cada mudança, lembro de cada coisa que faltava, lembro que passei a ter necessidades e brigas por coisas básicas. Lembro que seu pai perdeu emprego e eu, eu perdi o colégio, o lugar que mais me sentia a vontade para estar, para brigar, para falar, para ser. Lá jogava o dia todo, era querido por ser bom nos jogos e sempre requisitado por essas características. Perdi os/as amigos/as.

A entrada na igreja evangélica coincide com a tentativa de querer sanar esse primeiro momento mais doído para mim. A igreja foi mesmo a salvação. Ela trouxe um novo horizonte, novas amizades, pessoas que queriam me ter por perto, que achavam peculiar minhas características mas que se utilizavam delas e faziam com que eu me sentisse querido e alocado novamente.

Era novo. Aos 12 conheci a igreja. Aos 13 me encantei com a bateria nos cultos. Precisava aprender de qualquer maneira. Mas bateria é cara e meu pai tinha um violão. Então aprendi o que tinha em mãos. Em

conjunto com a igreja, já que os outros três colégios pelos quais passei não conseguiam suprir e acalmar minha energia, comecei a procurar equipes de futsal pela cidade para realizar as tão desesperadas peneiras e, ao mesmo tempo, me aperfeiçoei no patins. Saía apenas de patins pelas ruas de uma metrópole imensa, cortando carros e pessoas por tais ruas a procura de um pouco mais de adrenalina, de um pouco mais de sossego, na verdade.

Todos os finais de semana estava na igreja. Antes, passava o dia no parque, ia sozinho e dava um jeito de fazer amizade, mesmo que fosse arrumando confusão. Não tinha problema com brigas, apanhava e batia, levanta e seguia. Depois do parque ia para Igreja, falava com meu Deus e com meus/minhas amigos/as. As meninas tratava com carinho e atenção, os meninos sempre foram motivo de desafio, só não entendia porquê. Mas, mesmo sem entender, o silêncio nunca fez parte de minha vida. Posteriormente, veremos o que esta voz me reservou naquele espaço.

Por meu jeito, roupas e falas inusitadas, porém ágeis, conquisei um lugar que, mesmo sendo novo, me rendia um futuro promissor naquela instituição. Até porque, por mais que gostasse de esportes, eram os livros que me salvavam de mim mesmo. Era nos livros, na literatura, que me trancafiava ou me transfigurava, ou transitava, para não precisar pensar em mim de maneira direta e objetiva. Então, eu acabava tendo algumas características que a leitura gera. Isso impressionava e, honestamente, eu soube usufruir dessa impressão durante algum tempo. Só que havia um problema, estava ficando mais velho e a instituição na qual estava investindo minha vida começava a me cobrar as posturas necessárias para que o crescimento que vinha tendo não estancasse. Além disso, esse era o momento em que estava na adolescência, começando a compreender um pouco melhor as vontades e percebendo que algumas vontades estavam se tornando cada vez maiores e mais fortes. Precisaria aprender a lidar com todos esses desejos ou isso era mesmo algo de ruim que poderia ser sanado com orações? Após 5 anos de igreja, qual você acha que foi a resposta para essa pergunta?

Nasci com vagina e era cobrado, como quase todas as pessoas que nascem com vagina em nossa sociedade, a ter um comportamento que se adequasse a identidade de gênero que me foi atribuída em nascimento.

Nunca fui mulher, mas aprendi a lutar e viver como uma. Uma fora dos padrões, mas: uma mulher. Logo: fui mulher!

A igreja que frequentava era bem flexível quanto as expressões corporais, então eu abusava da cueca que pegava de meu irmão e das calças e camisas que retirava do guarda-roupa do meu pai. Mas tudo tem limite e o limite *entre* a igreja e minha vida estavam a ponto de se encontrarem.

Dos 15 para 16 anos minha casa teria o primeiro computador *desktop*. Um marco para as mídias, para as comunicações, para as tecnologias da informação e para a minha vida. Internet apenas após às 00h00 porque o valor do acesso é muito caro. Era discada e lenta, mas o suficiente para perceber que, com ela, não era uma pessoa sozinha no mundo.

As vontades aumentam, os desejos se tornam quase que insuperáveis e tomo a decisão:

– De hoje não passa, vou falar com minha liderança espiritual pois estou sendo atordoada por demônios e não estou dando conta de combatê-los sozinha.

Parece piada, lembrar desses tempos relembra também a inocência, ingenuidade, talvez até a *covardia* que tive em não ser para mim. *Covardia* por aceitar toda aquela agressão sem entender, mas sabendo que não deveria ser daquele jeito. Mas estava muito empenhado em ser para Deus, para aquele Deus pregado todos os sábados nos cultos de jovens e todos os domingos nos cultos da família. Relembro, parece piada, mas não é! Não Foi!

Fui dessas pessoas evangelizadoras, já pregava em suas células. Tinha que ser responsável por minha vida, pois era responsável também pelas vidas que estavam “abaixo” de mim. Lembro-me que conversava com as prostitutas da região, passava a noite pelas esquinas só para “trocar uma ideia” e perguntar como estava a vida daquela pessoa. Estava sendo honesto, não estava fingindo. Talvez aquelas vidas me atraíssem justamente pela transgressão que são e causam, não sei. A questão é que, naquele momento, eu me aproveitava, claro, para falar de um Deus que era ótimo, que se iria me salvar daquilo que eu passava, então provavelmente também as salva-

riam delas mesmas, daquelas “escolhas”. Era isso que eu acreditava. E olha, como acreditava.

Acreditava tanto que assumiu meus pecados de desejos, mesmo antes de cometê-los, à minha liderança. Uma mulher mais velha que eu, porém nova, com um casamento que acabava de começar. Eu tinha uma vida santa, ela também. Mas, para essa vida santa que eu tinha e que estava tentado a romper, toda esta situação era algo mais forte do que ela, que mesmo sendo minha liderança, conseguiria suportar. Então precisava ser comunicado à bispa da igreja. Esta mais velha, com filha praticamente da mesma idade que eu, inclusive éramos amigas. Isso mudaria.

Foram meses de oração e, por a bispa ter uma formação em psicologia eu também conversava com ela em vários momentos. Não eram declaradas sessões de terapia, mas saberia posteriormente que era, praticamente, isso o que acontecia naquela sala imponente da igreja.

Durante esses meses tive que abrir mão de minhas células e das pessoas que estavam espiritualmente abaixo de mim, já que, de acordo com os preceitos daquela prática cristã, eu me encontrava em guerra espiritual e poderia vir a comprometer a vida delas também.

Como estratégia de tentar sanar ou mesmo controlar essa situação individual e particularmente, eu também já havia participado de alguns retiros espirituais, mas como adolescente. No entanto, por conta da gravidade de meu “problema” apenas aumentar e as lideranças terem sido comunicadas e solicitadas, tive a oportunidade de participar do retiro dos/as jovens também.

Realizava jejuns semanalmente para provar que estava disposto a lutar para me tornar uma mulher digna de Jesus. No geral, os rituais estavam sendo seguidos e crença e força estavam sendo provadas. Estavam sendo provadas em todos os sentidos. Provadas para a Igreja, que precisava ver minha determinação e provadas para mim, que acreditava ser essa a maior provação que teria na vida. Era apenas o começo e o gosto dessa prova já fundamentava os retornos que teria durante a vida, durante esta vida de *entres*.

Após todos esses meses as vontades apenas se intensificaram e começaram a angariar corpos específicos, nomes, sorrisos, carinhos, abraços. Não aguentei, o Diabo foi mais forte e dei meu primeiro beijo em uma em menina.

A Igreja alertou minha mãe que eu estava beijando meninas. Ou foi Deus que alertou a Igreja para realizar aquele telefonema? O constrangimento e a necessidade de mudança extrapolou os muros daquela instituição, que os extrapola desde sempre, diga-se de passagem. Tentei mesmo assim permanecer na Igreja, eram meus/minhas amigos/as, era minha família, eram meus/minhas irmãos/ãs. Comecei a orar com um menino adolescente já nos meus 16 para os 17 anos, a fim de engatar um namoro. Lembro-me que desde “sempre” fui problema para a família, que já via em minhas posturas e ações algo sendo revelado. Eram mais adultos que eu, tinham mais conhecimento de como a vida “deveria ser”. Mas, ao mesmo tempo, por minhas atitudes em querer ser desse jeito ingrato, sem pensar nos outros/as e em minha família, fui “castigado”. Mesmo com minha família podendo me sustentar, comecei a trabalhar dos 14 pros 15 anos e iria cursar os anos finais do Ensino Médio no período noturno, para sustentar meus vícios. Escolha da própria família mantenedora:

– Porque ninguém é obrigado a pagar pela vida errada alheia.

E, por ser menor, de acordo com as recomendações da Igreja, iria para o psiquiatra. Até porque, se a Igreja não dá jeito, a Ciência dará!

Tudo na memória se torna confuso. Do primeiro corpo para o quarto corpo de atração, beijos e desejo, não faço muita ideia do tempo que foi. Já estava medicado. Também não sei ao certo durante quanto tempo fui medicado, só lembro que tudo o que eu acreditava ser se quebrou. Que o dia virou noite, que a cama virou prisão, que a noite virou tortura e que a casa que deveria ser o meu lar, virou um inferno. Conheci o inferno e percebi que demônios eram de carne e ossos.

Durante toda a infância fui agitado, porém nunca havia sido convidado a me retirar dos lugares que fazia parte. Mas, aos 18 anos fui excluído daquela Igreja e assumi de vez uma lesbiandade. Pronto, era o que a Igreja e todos me forçaram a ser, inclusive eu mesmo: Mulher! Mas

seria mulher lésbica, mulher provocadora, questionadora, guerreira. Seria militante e não me calaria.

A Igreja não conseguiu conter minhas atrações, mas se saiu muito bem em colaborar para fortificar uma *covardia* que me centrou em uma vida binária, vida que demorei anos para conseguir problematizar e ter *coragem* para tentar romper com os pressupostos binários de possibilidades e modos de vida. E convenhamos, uma mulher que aprende a lutar e viver questionando esses padrões de comportamento acaba por ser formar, viver e criticar ainda mais sobre feminismos e modos de vida.

O QUE PODE VIR DE UM TESTEMUNHO

Este *testemunho* é parte ativa da memória que insiste em permanecer viva. Mas por que me utilizar de uma narrativa? Porque me parece que com uma narrativa temos mais facilidade de visualizar uma história, de sentir o que está sendo exposto.

Ao falar das narrativas, Corinne Squire (2014, p. 279) diz o seguinte: “É claro que há prazeres de repetição e encerramentos em narrativas, mas é interessante que a repetição exata, o encerramento exato, não é o que geralmente exigimos de história.”. Portanto, peço a atenção, não apenas ao relato e a violência com a qual este corpo relatado se formou, pois sim, realizo meus juízos e não sou isento deles. Mas gostaria que nos ativéssemos também as maneiras como tal pessoa não deixou de gerar *rupturas*, bem como a trama que todo um (cis)tema¹ tende a impulsionar e manter para permanecer como formador, como verdade, como vida. Parte insossa de uma vida regular, acredito que este escrito não apareça como muito diferente de tantas outras expressões corpóreas atuais. A narrativa, portanto, vem no sentido de retratar experimentações e uma experiência singular. Mas nem por isso deixa de também esquematizar, imaginar, ficcionar o que tais situações e experiências possam vir a criticar.

¹ Grosso modo, a cisgenderidade diz respeito as pessoas que admitem a designação que lhes foi imposta no registro de nascimento no que diz respeito ao gênero. Portanto, estão de acordo com a classificação de gênero/sexo delegada a elas a partir do aporte do Direito e da Medicina, que condiciona os corpos a partir do pênis/vagina. Assim sendo, o termo (cis)tema é a junção que evidencia que a governamentalidade é cisnormativa, logo que a leitura e visão que o sistema admite como pessoa está intrinsecamente atrelada a maneira como esse mesmo sistema aloca tais pessoas a partir de seus nascimentos, de acordo com o registro médico-legal.

Sendo assim, logo no início deste ensaio, que mais pretendo tratar como *crítica*, quero explicitar alguns conceitos com os quais trabalharei para que a leitura não fique tão truncada e estruturada naquela metodologia nossa de cada artigo.

A leitura que consigo esquematizar para, minimamente, analisar esta narrativa é simples: houve a compreensão de um *acontecimento* pelo ator que possibilitou, justamente, o olhar para uma ruptura do *status quo*. Essa ruptura eu aludo ao *éthos*, portanto, uma *ruptura ética* como movimento do pensamento que também é, impreterivelmente, uma prática que intenta problematizar uma relação com o presente, uma relação com o modo de ser, como interrogação filosófica.

Todo esse trajeto passará pelas questões de gênero, visto ser a partir das críticas realizadas por tais questões que consigo visualizar transgressões possíveis para uma transformação *ontológica* da história de nós mesmos/as.

Tecerei este trajeto a partir do texto *¿qué es la ilustracion?* de Michel Foucault com tradução de Jorge Dávila (1994), me apropriando de trabalhos como os de Judith Butler, com tradução de Dalaqua (2013), Paul Beatriz Preciado (2011) (2014) e Giorgio Agamben (2008) de maneira direta. Não deixarei de fora algumas outras obras como a de Michel Foucault (2010) e Gilles Deleuze (1974).

Quando trago para nossa discussão uma narrativa como essa, acredito que uma das possíveis ligações de questionamento se dê pelo *comum* que possa vir a significar tal movimentação. Aqui, não estou a falar sobre uma totalidade entre as questões cristãs e as questões de gênero. Desloco essa questão, que acredito que possa vir a ser objeto de análise para outras frentes, se já não o é. Por *comum* trago Pierre Dardot e Christian Laval (A IDEIA DO COMUM, 2017) que retomam tal conceito a partir de um breve histórico no rearranjo com a palavra comunismo, trazendo o que chamam de “um novo princípio” e associam o *comum* a um princípio político de *autogoverno* e *auto-organização* atrelado ao princípio *democrático*, mas não a uma democracia representativa. Logo, o *comum* se torna,

a partir dessas falas um princípio alternativo às capturas realizadas pelo Estado e pelo Mercado.

Mas, o que pretendo chamar atenção nesse espaço, o que pretendo *problematizar*, é a *crítica* em relação a todo um processo para a saída da *menoridade* de nosso personagem, ator de sua própria vida, pelo menos nesse pequeno relato. Por *menoridade* me utilizo da prática que Emmanuel Kant (1784) retoma em seu texto “Resposta a pergunta: que é o Esclarecimento?” Neste contexto o filósofo declara que

A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. (KANT, 1784, p. 01).

Para tanto, faz-se necessário conceitualizarmos algumas palavras para que não fique corriqueiro e passível de diversas outras interpretações, o trajeto que tramarei. Portanto, o conceito *problematização* pego emprestado de Foucault (1994) quando diz que “el estudio de [los modos de] problematización (es decir, de lo que no es ni constante antropológica ni variación cronológica) es, por tanto, la manera de analizar cuestiones de alcance general en si forma históricamente singular.” (FOUCAULT, 1994, p. 18).

Assim, trago a tona uma problematização da manutenção de um estilo de vida cristão como modo de vida verdadeiro. Não que eu não esteja me posicionando frente às diversas possíveis frentes cristãs, mas me vejo muito mais atentando as possibilidades de vidas singulares em romper com uma estrutura que não é apenas religiosa, mas também mantenedora de um (cis)tema de tutela. E quando Foucault (1994) retoma a interpretação do texto de Kant (1784) já citado, texto esse que deu origem ao trabalho de Foucault que me utilizo aqui como ponto central, Foucault coloca que “Kant define dos condiciones esenciales para que el hombre salga de su estado de tutela. Estas dos condiciones son, a la vez, espirituales e institucionales, éticas y políticas.” (FOUCAULT, 1994, p. 05).

Assim, teremos em Foucault

Prefiero las transformaciones muy precisas que han podido tener lugar desde hace veinte años en cierto número de dominios concernientes a modos de ser y de pensar, a relaciones de autoridad, a relaciones entre los sexos, o a la manera de percibir la locura o la enfermedad. Prefiero más bien esas transformaciones, incluso parciales, que se han producido en la correlación del análisis histórico y la actitud práctica, que las promesas del hombre nuevo que los peores sistemas políticos han repetido a lo largo del siglo XX. (FOUCAUT, 1994, p. 15).

O que quero mostrar é que em Kant (1784), pelo menos nesse texto que compartilho, temos um procedimento de busca por *ruptura*. Essa ruptura ainda se encontra embebecida de modernidade estereotipada pela figura do observador, buscando no espaço do *uso público da razão a coragem* para a *liberdade*, mas não atentando que os espaços de *uso privado da razão*, como ele mesmo estabelece, não deixam de formar e manter um modo de vida que não compactua com a busca pela *autonomia e alteridade*², correlacionando assim esses espaços aos indivíduos, e não as e pelas relações que os sujeitos estabelecem.

Faço essa volta toda para que seja possível visualizar, a partir desta narrativa em específico, a questão *trans* como *acontecimento* e não como uma cooptação (cis)têmica. Isto porque, por *acontecimento*, a partir de Gilles Deleuze (1974) retomo a ambiguidade de tal conceito que o filósofo traz quando assume ao mesmo tempo em que “é a minha vida que parece muito fraca, que escapa em um ponto tornado presente em uma relação assimilável comigo”, e também que “eu é que sou muito fraco para a vida, é a vida muito grande para mim, jogando por toda parte suas singularidades, sem relação comigo, e sem um momento determinável como presente, salvo com o instante impessoal que se desdobra em ainda-futuro e já-passado.” (DELEUZE, 1974, p. 154). O que quero dizer com isso?

Quando, nesta narrativa, encontramos o atravessamento pelos locais e relações tramados, acredito que também possamos perceber a potência de vida, enquanto tentativa de produzir o novo, enquanto tentativa de ruptura, enquanto possibilidade de transformação.

² O conceito de Alteridade aqui expresso está muito menos ligado a aceitabilidade das desigualdades e associação a ações de caridade e muito mais próximo da experiência relacional com as diferenças em busca de um cuidado e governo de si e do outro.

Essas possibilidades e tentativas são potências políticas que atrevo atrelar a questão do *éthos* filosófico, nada mais sendo que um modo de vida ético que, associado a questões práticas, portanto aos modos de ser, rompem com a leitura epistemológica de construção/desconstrução e abrem espaço para que a discussão sobre formação/transformação ontológica apareça como procedimento de *crítica*. Neste sentido, tenho acordo com Butler quando, sobre Foucault, retoma que:

O que está em jogo para Foucault, não são os comportamentos, as ideias, as sociedades nem as “ideologias”, mas “as problematizações pelas quais o ser se deixa, necessariamente, pensar – e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam.” [...] Esta última tese não é fácil de compreender. No entanto, ela sugere que certos tipos de práticas que são projetadas para lidar com certos tipos de problemas produzem, ao longo do tempo, um domínio ontológico rígido como sua consequência, o que, por sua vez, limita nosso conhecimento do que é possível. É somente com referência a esse horizonte ontológico dominante – ele próprio constituído por uma série de práticas – que nos tornaremos capazes de compreender as espécies de relação com os preceitos morais que se formaram e que ainda estão por se formar. (BUTLER, 2013, p. 165).

Este jogo não é um jogo de ideias, estão em risco e no *front* as vidas, as diversas e mais variadas maneiras de vidas, potência de vida, expressões de vida, qualquer e todas as vidas que sejam possíveis experimentar fora dos enquadramentos (cis)têmicos.

Se o exemplo aqui exposto diz respeito a uma vida trans, que levou 31 anos para conseguir compreender e reconhecer em si traços de não-binaridade, o *comum* desta vida não se faz apenas nas inúmeras e imagináveis violências e agressões que este corpo possa e deva ter sofrido de maneira tão semelhante a tantos outros corpos e vidas. O *comum*, a meu ver, encontramos nas rupturas que os corpos trans possibilitam realizar por não estarem de acordo com os padrões de exigência (cis)têmico. Com isso, não trago a discussão para a responsabilização de ação de tais corpos, isso seria adentrar a questões do Direito e minha pretensão é permanecer da discussão ética. O que quero evidenciar é muito mais o ponto nevrálgico que o (cis)tema gera justamente no não reconhecimento dos corpos trans

como possibilidades de atuação neste mesmo (cis)tema. Não somos, exclusivamente, produtos de um sistema. Somos potência de ruptura. Não estamos alojados no Mercado, não fazemos parte das pretensões familiares e muitas vezes, na maioria das vezes, não somos identificados como pessoas.

Muitos dos discursos cotidianos e das violências diárias são fundamentados pelo local de monstruosidade onde os corpos trans são alocados.

Por isso, quando assumo que este ensaio é também um testemunho, não estou rodeando ou desatrelando desta crítica um posicionamento real. Ao contrário, estou evidenciando o local no qual tenho condições de fala e posição. Como Agamben (2008) nos diz o pseudotestemunho está condicionado a uma minoria anômala, com um testemunho “sobre um testemunho que falta” (AGAMBEN, 2008, p. 43), de uma pessoa sobrevivente por um certo privilégio.

Em meu caso, o privilégio por ter estudado, privilégio por estar empregado, privilégio por estar vivo, privilégio por falta de coragem ou por presença de sorte, dependendo da perspectiva do olhar de quem me lê.

Se durante 30 anos me vi mulher, tentei ser mulher e se violencei por e nesta situação, esses 30 anos também talvez tenham me feito não entrar na estatística da falta da Educação Básica, na estatística do excesso de hormônio na adolescência, na estatística da rua, na estatística da morte prematura. E isto, definitivamente, é um privilégio, mas, em nada e em momento algum, considero uma conquista ou um mérito.

Neste sentido, quando remeto a um *ethos*, estou falando também da possibilidade de novos começos, não por um conhecimento pleno e preciso do que venha a ser pessoa, ou do que venha a ser humano, não a partir de epistemes. Mas a partir das práticas e experimentações possíveis dos e nos seres que reconhecemos como pessoa. A partir de práticas e rupturas que as não-normalizações possam vir a causar só por existirem e se manterem vivas, por exemplo.

Quando explicito a não necessidade de conhecimento completo no sentido de universal, como propósito de vida, não sendo este conheci-

mento, portanto, algo que deva ser o objeto e objetivo de busca, retomo Foucault (1994) que traz também que:

Es cierto que hay que renunciar a la esperanza de tener acceso algún día a un punto de vista que pudiera darnos acceso al conocimiento completo y definitivo de lo que pueda constituir nuestros límites históricos. Desde este punto de vista, la experiencia teórica y práctica que tenemos de nuestros límites y de la posibilidad de ir más allá de ellos está siempre limitada y determinada; por tanto, siempre estamos em posición de comenzar de nuevo. (FOUCAULT, 1994, p. 15).

Esse *novo*, no entanto, não é como uma individualização, até porque se estou aqui recorrendo a um *éthos*, tenho que ter claro que esse *éthos filosófico* está sim atrelado a uma questão de limite, mas um limite que não tem por pretensão permanecer trancafiado a particularidade, mas que tem condição de, a partir de singularidades, analisar questões de alcance coletivo.

É nesse sentido que vinculo a questão do *comum* como ponto a ser enfatizado no decorrer de modos de vida. O *comum*, neste ensaio, está vinculado não apenas a tantas outras histórias similares a minha, mas muito mais a tantas outras rupturas análogas em posicionamento, em resistência, mas também em transformação.

Essa discussão, portanto, não é sobre ser cristão ou não, ou apenas sobre ser trans ou não. Esta é uma discussão sobre governo de si e governo dos outros, sobre as possíveis *rupturas* que visualizo para que tal movimentação possa ser melhor visualizada, já que, a meu ver, já vem ocorrendo em espaços diversos.

Portanto, não pretendo gerar mais um atravessamento que se mostre dicotômico e binário. O que coloco como pontos a serem criticado são, justamente, os modelos ou o modelo de sociedade que acostumados, habituamos a seguir como mantenedores dessa mesma sociedade. São modelos que priorizam vidas em detrimentos de outras vidas, vidas estas nem sempre vistas como vida por tal sociedade. Assim, como processo de crítica trago Preciado (2014) que diz sobre a questão de gênero que

[...] trata-se não somente de apontar para o caráter construído do gênero, como também, mais ainda, de reclamar a possibilidade de intervir nessa construção até o ponto de abrir linhas de deriva com relação a um futuro que se impõe, se não como natural, pelo menos como socialmente normativo ou inclusive como simbolicamente preferencial. (PRECIADO, 2014, p. 94).

Não entro também no mérito da origem trans, até porque tendo achar que cairíamos no mesmo *looping* da necessidade de origens que Foucault (1994), dentre tantos outros/as, também já criticou.

Y esta crítica será genealógica en el sentido de que no deducirá de la forma de lo que somos, aquello que nos sea imposible hacer o conocer, sino que desprenderá de la contingencia que nos ha hecho ser lo que somos, la posibilidad de no seguir siendo, pensando o haciendo lo que somos, hacemos o pensamos. (FOUCAULT, 1994, p. 14).

Esta não é uma crítica vazia de vida, por isso a narrativa se torna imprescindível neste contexto. Não significa, no entanto, que a vida aqui relatada seja, impreterivelmente, similar as experiências de todas as outras pessoas em situação semelhante. Mas também não significa que não. Acredito que signifique que seja possível visualizar um *comum*, uma *multidão* como dirá Preciado (2011), que rompe com o *paradigma da diferença dos corpos* binários e a partir das experiências.

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. (PRECIADO, 2011, p. 14).

E é nesse sentido que talvez possamos visualizar o corpo *trans* transformando uma limitação em *crítica*. Essa é uma *crítica* prática, experienciada. Ela é uma das problematizações de uma história de gênero que busca ser universal, essencialista, natural, e passa a ser questionada através dos eventos que levam um corpo *trans* a se constituir e a se reconhecer

como sujeito, como pessoa. Uma pessoa também em busca de *autonomia* nas vias da *alteridade*. E essa *autonomia*, que retomando Kant podemos atribuir a utilização da *coragem* de servir-se de si mesmo, parece só poder ser buscada, justamente a partir desta problematização como *crítica* ao que nos é imputado como um dado universal, o gênero, trazendo, portanto, a problematização para a prática *ontológica*.

Diferente da ontologia advinda desse procedimento de problematização e crítica que trago, a ontologia advinda da busca pelos universais, com fundamentação nas explicações epistemológicas, não tende para as experiências, ao contrário, faz uso deste universal para se ancorar e sacralizar os caminhos e padrões, que Foucault trará como *biopolíticos*, vindos de um biopoder, como formadores e construtores de uma humanidade.

Neste sentido, retomo meu mestrado para evidenciar o movimento no qual a biopolítica se faz presente nas instituições escolares brasileiras, por exemplo, como um todo. Nesta análise temos que

O percurso realizado para chegarmos ao diagnóstico do que declaramos como problema, a inserção das sexualidades na escola de maneira normativa, será evidenciado a partir da biopolítica envolvida na gênese traçada pelo ensino que remete a um posicionamento que prima pela normalidade para a obtenção de um padrão e que gera um impacto causador de uma pedagogia marcada pela *Scientia sexualis*, demonstrando um excesso significativo da “cultura” corporal biologizante a qual tem como desfecho a lógica identitária. (FALCHI, 2013, p. 12).

Em desacordo com esse tipo de ontologia, quer dizer, buscando gerar rupturas nesse padrão biopolítico, a *ontologia histórica de nós mesmos/as* galga seus passos a partir de atitudes críticas que devem ser trazidas não ignorando as experiências e experimentações.

Aquela igreja tendia a trazer para minha vida, constantemente, o ar de um acontecimento primordial e primeiro para uma nova vida. Estar ali era O acontecimento. Estar naquele espaço, seguir e servir ao Deus ali pregado era o maior acontecimento que minha vida poderia ter. Mas este movimento não era um acontecimento, era um movimento tramado, previsto dentro daqueles padrões biopolíticos preestabelecidos para que os/

as que ali se encontravam, portanto, eu também, tivessem condições de se tornarem próximos/as e parecidos/as com os que ali já estavam e viviam há algum tempo. Este não era um exercício para a *autonomia* advindo da busca por *alteridade*. Estava muito mais próximo do processo que Foucault descreve como humanismo, diferenciando em sua análise não só as reflexões como os fins aos quais cada ação pretende chegar.

El humanismo es algo totalmente distinto. Es un tema, o más bien un conjunto de temas que han reaparecido muchas veces a lo largo del tiempo en las sociedades europeas. Esos temas, siempre ligados a juicios de valor, evidentemente siempre han variado mucho en su contenido, así como en los valores que han preservado. Han servido, además, como principio crítico de diferenciación: hubo un humanismo que se presentaba como crítica del cristianismo o de la religión en general; hubo un humanismo cristiano en oposición a un humanismo ascético y mucho más teocéntrico (esto, en el siglo XVII). En el siglo XIX, hubo un humanismo desconfiado, hostil y crítico en relación con la ciencia; mas, por el contrario, hubo otro que cifraba toda su esperanza en esa misma ciencia. El marxismo, el existencialismo y el personalismo también han sido humanismos. Hubo un tiempo en el que se respaldaron los valores humanistas representados por el nacional-socialismo, y en el que los mismos estalinistas decían que eran humanistas. (FOUCAULT, 1994, p. 12).

Veja, esta interpretação não implica, necessariamente, uma desqualificação ou a pretensão a uma não importância histórica. Ao contrário, ter uma noção crítica a respeito de tramas históricas acredito que colabore para que não nos deixemos determinar por tais estruturas, além de reafirmar uma crítica que deve ser permanente a respeito de nosso ser histórico.

Uma mesma vida, um mesmo modo para se viver, um jeito certo de se viver a vida, até porque, o que não fosse vivido do jeito preestabelecido mal poderia ser chamado de vida. Esta, como vimos, não é a definição de acontecimento. *Acontecimento*, mesmo que no senso comum, significa viver como todas as pessoas ao seu redor, seguindo as regras impostas e levando a vida de maneira regular? É possível prever um acontecimento e ter noção de por onde ele irá nos levar?

Se nos atentarmos as colocações de Foucault (1994), teremos, portanto, que

Se trata, en suma, de transformar la crítica ejercida en la forma de la limitación necesaria, en una crítica práctica que toma la forma de una transgresión posible [de limitaciones]. Esta transformación trae consigo una consecuencia inmediata: la crítica ya no buscará las estructuras formales que tienen valor universal; más bien se convertirá en una indagación histórica a través de los eventos que nos han llevado a constituirnos y a reconocernos como sujetos de lo que hacemos, pensamos, decimos. (FOUCAULT, 1994, p. 14).

A questão que Foucault levanta aqui, e que nesta narrativa vamos resvalando, é a da salvação a partir de um sistema binário e de *dramaticidade do acontecimento* advinda, justamente, deste mesmo sistema que realiza essa busca a partir destes referenciais citados para implicar em uma renúncia de si em troca dos mesmos. Quer dizer, salvar-se em relação ao perigo de não ser salvo/a das mesmas coisas que se utiliza como base para se salvar. Nesse sentido, diz Foucault (2010) que

De todo modo, temos aí, nesse jogo entre a salvação que nós mesmos operamos e aquele que nos salva, admitindo o ponto de deflagração de certas teorias e análises que conhecemos bem. De sorte que, através desses três elementos – o caráter binário, a dramaticidade de um acontecimento e a operação com dois termos –, a salvação, para nós, é sempre considerada como uma ideia religiosa. (FOUCAULT, 2010, p. 164).

Esses procedimentos acabam por se tornar sistemas que devem ser seguidos a risca para que este mesmo sistema possa continuar a “acontecer”. Entende a jogada traiçoeira e bem realizada dessa situação? Ela se torna mantenedora de si com a justificativa de se manter e chama, a esta situação de acontecimento de salvação. É uma das situações que nesta mesma aula de Foucault (2010, p. 166) é trazida a tona para analisar a salvação é que “Salvar-se a si mesmo quererá igualmente dizer: escapar de uma dominação ou de uma escravidão; escapar de uma coerção pela qual se está ameaçado, e ser reestabelecido de seus direitos, recobrar a liberdade, recobrar a independência.”

Para caminhar a um fim neste escrito e que não implique, no entanto, um final ou conclusão de tal crítica, retomo pontualmente o relato quando fica explícito todo um projeto binário de gênero e a real dificuldade de uma pessoa, ou no caso de minha pessoa, romper com tal paradigma que nomeei mais acima de *paradigma da diferença dos corpos*.

Tornar-se lésbica foi a saída que se fez possível a mim naquele momento, por estrutura ou covardia, admitindo as relações de poder/saber que tive ou que me vi na condição de realizar. Não vejam aqui um trajeto que deva ser percorrido por pessoas trans, perpassando pelas sexualidades. Esse suposto trajeto é apenas mais uma confusão sistêmica entre “identidade de gênero” e “sexualidade”. Como também evidencio que essa não é uma relação que ocorra para a diminuição das lutas lésbicas. A questão que trago aqui não pretende transitar pela via das classificações pontuadas dessa maneira. Apenas retomo tal colocação visto que este foi o trajeto percorrido por mim, que não está em desacordo, justamente, com o *comum*, com a *multidão* já trazida aqui neste escrito.

No que diz respeito a esse *comum*, retomo que ele não está em acordo com uma universalidade das individualidades. Ele não significa nada que não esteja atrelado, necessariamente, a totalidade do corpo de cidadãos/ãs, mas no sentido de participação democrática que não se coloca, neste caso, como representativa, mas sim como tomada de decisão, atividade deliberativa e execução da decisão, não desvinculando, dessa maneira, a questão política da experiência e relato aqui exposto.

Vejo, portanto, necessidade de nos atentarmos para as diferenças entre tais conceitos, inclusive para desnaturalizarmos o padrão sexo/gênero. De acordo com Preciado (2011)

A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos da masculinidade e da feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) faz parte dos cálculos do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle sobre a vida. (PRECIADO, 2011, p. 11).

Quando, portanto, problematizo um modo de vida que busca, em nome de uma liberdade preestabelecida, certa adequação ao que podemos denominar de normalização dos corpos ou, aqui estabelecido, como *biopolítica*, não faço uma crítica vazia de possibilidades de vida. Ao contrário, com o relato pretendi evidenciar uma possibilidade realizada, que a partir da fraqueza entre o enfrentamento do (cis)tema e a resistência a esse mesmo (cis)tema, culminou na própria vida experienciada.

Tal vida, podendo ser lida, vista, vivida, como vida trans, sendo pseudotestemunhada como tal, traz a tona, a meu ver, uma *ruptura ética* da qual podemos retomar toda a discussão, agora não como fraqueza exposta de um algo que não consegue se firmar sistematicamente, mas como *éthos* filosófico que teve condições, a partir de uma fraqueza preestabelecida (cis) tematicamente, vivenciar um acontecimento rompendo com sua *menoridade* ao mesmo tempo em que gerando tal ruptura ética frente os procedimentos bipolíticos aos quais foi remetida.

Este não pretende ser um modelo a ser seguido, mas não é possível negarmos o *comum* existente em tal relato. Se aos 17 anos minha vida era santa, aos 31 pude, enfim, experienciar minha vida como revolucionária.

REFERÊNCIAS

A IDEIA DO COMUM. Christian Laval, Pierre Dardot e Christian Dunker [áudio original]. TV Boitempo. *Youtube*, 11 out de 2017. 1:48:11. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7nu_bjoXuus&t=1183s. Acesso em: 14 dez. 2017.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.

BUTLER, Judith. O que é a Crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. Tradução de Gustavo Hessmann Dalaqua. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, n.22, p. 159-179, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FALCHI, Cinthia Alves. *Pensando a dimensão erótica na educação*. 2013. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2013.

FOUCAULT, Michel. ?Qué es la ilustración? *Actual*, n. 28, 1994. Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/15889/1/davila-que-es-la-ilustracion.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981–1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?* Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. 1784. Disponível em: http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto_II.pdf. Acesso em: 01 nov. 2017.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984. (Círculo do Livro).

PRECIADO, [Paul] Beatriz. Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19, n.1, p. 11-20, jan.-abr., 2011.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? *Civitas*, Porto Alegre, v.14, n.2, p. 272–284, maio/ago. 2014.